

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CHÁCARA ROSANE E AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, EM SÃO LUÍS, MARANHÃO

ARCHAEOLOGICAL SITE CHÁCARA ROSANE AND HERITAGE EDUCATION PRACTICES IN SÃO LUÍS, MARANHÃO

Fernanda Lopes Viana ^a
Gustavo Teixeira de Moura ^b
Geifance Abreu dos Santos ^c
Danúbia Valéria Rodrigues de Lima ^d
Lúcio Adriano Teixeira de Moraes ^e
Matheus Oliveira Araújo ^f
Arkley Marques Bandeira ^g
Wellington Lage ^h
Maria Conceição Soares Meneses Lage ⁱ

^a Universidade Federal do Maranhão, Arqueóloga e Mestra em Cultura e Sociedade PGcult (UFMA), e-mail: fernandalop1993@gmail.com

^b Universidade Federal do Maranhão, Historiador e mestrando em Cultura e Sociedade no programa de pós-graduação PGcult (UFMA), e-mail: gustavo.tm@discente.ufma.br

^c Universidade Federal do Piauí, Arqueólogo e mestrando em Arqueologia no programa de pós-graduação em Arqueologia PPGArq (UFPI), e-mail: geifance33@gmail.com

^d Universidade Federal de Sergipe, Bioarqueóloga e Doutoranda no programa de pós-graduação em Arqueologia da PROArq (UFS), e-mail: danubiarodrigues2@gmail.com

^e Universidade Federal do Maranhão, Arqueólogo e Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente no programa de pós-graduação Prodema (UFMA), e-mail: lucio.adriano@discente.ufma.br

^f Universidade Federal do Piauí, Graduando em Arqueologia (UFPI), e-mail: oliveira181206@gmail.com

^g Universidade Federal do Maranhão, Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo PPGArq (MAE-USP), e-mail: arkley.bandeira@ufma.br

^h Universidade de Coimbra e Porto - Portugal, Doutor em Arqueologia (UC), e-mail: welingtonlage@gmail.com

ⁱ Universidade Federal do Piauí, Doutora em Arqueologia Antropologia Etnologia - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), e-mail: meneses.lage@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir as atividades de Educação Patrimonial desenvolvidas no Sítio Arqueológico Chácara Rosane, localizado na Ilha de São Luís. A pesquisa é estruturada em duas etapas interconectadas: a primeira analisa o processo histórico de ocupação da Ilha, incluindo as ocupações sambaquieiras e os indivíduos identificados no sítio; a segunda apresenta a metodologia aplicada nas atividades de extroversão do conhecimento, destacando o público alcançado e a importância dessas ações para a divulgação da Arqueologia. Constatou-se uma significativa lacuna no conhecimento sobre o patrimônio local e o processo de ocupação da Ilha de São Luís, evidenciando a necessidade imediata de desenvolver meios curriculares e institucionais que promovam a socialização do conhecimento arqueológico.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia; Educação Patrimonial; Sambaqui, São Luís

ABSTRACT

This article aims to discuss the activities of Heritage Education developed at the Chácara Rosane Archaeological Site, located on São Luís Island. The research is structured in two interconnected stages: the first analyzes the historical process of occupation of the Island, including the sambaqui occupations and the individuals identified at the site; the second presents the methodology applied in the knowledge outreach activities, highlighting the audience reached and the importance of these actions for the dissemination of archaeology. A significant gap in knowledge regarding the local heritage and the process of occupation of São Luís Island has been identified, underscoring the urgent need to develop curricular and institutional means that promote the socialization of archaeological knowledge.

KEYWORDS

Archaeology; Heritage Education; Sambaqui, São Luís

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIANA, Fernanda Lopes; MOURA, Gustavo Teixeira; SANTOS, Geifance Abreu; LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues; MORAES, Lúcio Adriano Teixeira; ARAÚJO, Matheus Oliveira; BANDEIRA, Arkley Marques; LAGE, Wellington; MENESES LAGE, Maria Conceição Soares. Sítio Arqueológico Chácara Rosane e as práticas de Educação Patrimonial, em São Luís, Maranhão. Cadernos do Lepaarq, v. XXII, n. 44, p. 395 - 416, Jul-Dec, 2025.

1 Introdução

A ocupação da Grande Ilha de São Luís (*Upaon-Açu*) remonta a épocas milenares, com evidências arqueológicas que testemunham a presença de grupos humanos em tempos anteriores à chegada dos europeus colonizadores. O sítio arqueológico mais antigo encontrado na Ilha é o Sambaqui Chácara Rosane, com datações preliminares de até 10.000 anos AP, seguido pelo Sambaqui do Bacanga, com 6.600 AP e o Sambaqui da Panaquatira, datado de 4.630 AP. (BANDEIRA, 2013; WLAGE, 2021).

Tais sítios revelam uma ocupação humana antiga e prolongada na Ilha, associada a grupos que não apenas exploravam os recursos costeiros, mas também desenvolviam práticas funerárias e ritualísticas complexas, sugerindo a existência de uma organização social adaptada de maneira refinada ao seu ambiente natural (LEITE-FILHO, 2005-2010; W. LAGE, 2021). Além dos sambaquis, a Ilha de São Luís abriga sítios associados a grupos Tupi, como os Tupinambá, que habitavam a costa brasileira durante a invasão europeia.

Os relatos dos padres capuchinhos Claude D'Abbeville e Yves D'Evreux, que estiveram na região entre 1612 e 1614, descrevem a vida cotidiana desses povos de forma precisa. D'Abbeville (2002) narra a descoberta de 27 aldeias Tupinambás na ilha, onde a população estimada era de aproximadamente 12 mil indivíduos (FERNANDES, 1989). As aldeias contavam em média com 200 a 600 habitantes, cujos indivíduos mantinham relações de parentesco e reciprocidade com grupos do continente, como os Mearinenses, que habitavam as margens do rio Mearim e outros grupos Tupinambá que habitavam Tapuitapera e Cumã, Alcântara e Guimarães (D'ABBEVILLE, 2002; D'EVREUX, 2020; BANDEIRA, 2014; SBRANA, 2017).

Teixeira de Albernaz (1640) indica em cartografia da época (figura 1), a existência de aldeias Tapuias no território da Ilha (ALBERNAZ, 1640). Os povos genericamente chamados de "Tapuias", são denominados por alguns autores como sendo povos do tronco Jê, contudo, eles eram culturalmente e linguisticamente diversos, muitos sem associação a um tronco linguístico específico.

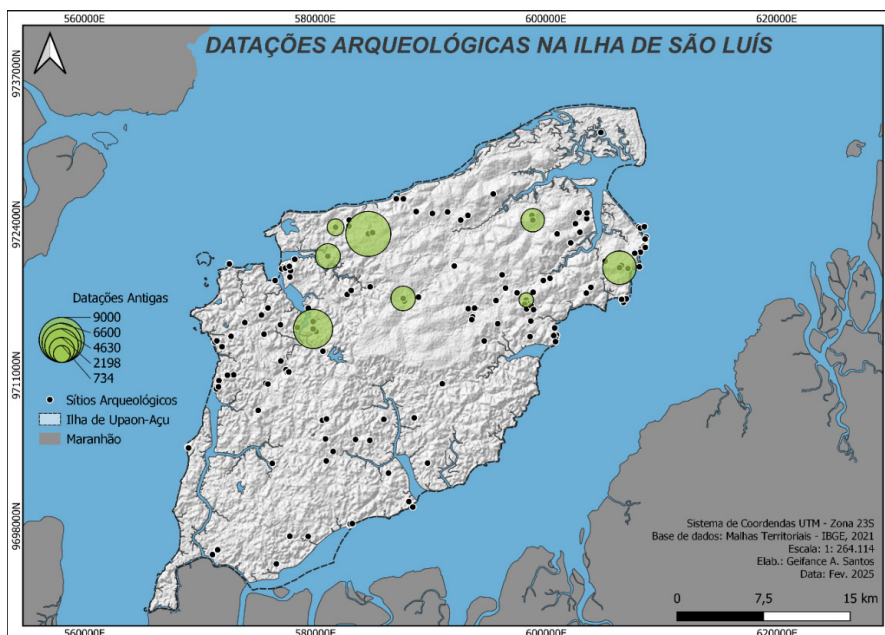


Figure 2: Datações dos sítios arqueológicos em *Upaon-Açu*. Fonte: Base de dados da presente pesquisa, 2025.

Após os portugueses retomarem o domínio da Ilha em 1614, as aldeias Tupinambá passaram por um processo de fragmentação, agrupamento e deslocamento, com o surgimento de novas aldeias e o abandono de outras (SBRANA, 2017). Além dos Tupinambá da Ilha, Tapuitapera, Cumã e do curso do Rio Mearim, diversas outras etnias indígenas habitavam as imediações da “Grande São Luís” no período da invasão colonial. Os sítios arqueológicos da Ilha fornecem informações fundamentais para o entendimento da ocupação humana na região, revelando padrões de migração, adaptação ambiental e interação cultural ao longo do tempo e espaço. Para além disso, os estudos arqueológicos na Ilha têm contribuído para o refinamento de modelos teóricos sobre a expansão, relações culturais e linguísticas de alguns desses povos (CORRÊA, 2014).

Estudos recentes combinam dados históricos, arqueológicos e etnográficos, aplicados à análise e ao processamento em ambientes digitais, como o Sistema de Informação Geográfica - SIG, com o objetivo de reconstituir a localização aproximada das antigas aldeias (DUARTE, 2020), a exemplo disso, utilizou-se correlações entre informações etno-históricas, a toponímia atual e levantamentos recentes para georreferenciar o Mapa de Bernardino Pereira Lago de 1820, espacializando os locais onde provavelmente se encontravam as aldeias Tupinambá na Ilha de São Luís (figura 3), tanto antes, quanto depois de 1615 (SBRANA, 2017), evidenciando novamente a distribuição dos espaços que foram ocupados e reocupados na Ilha.

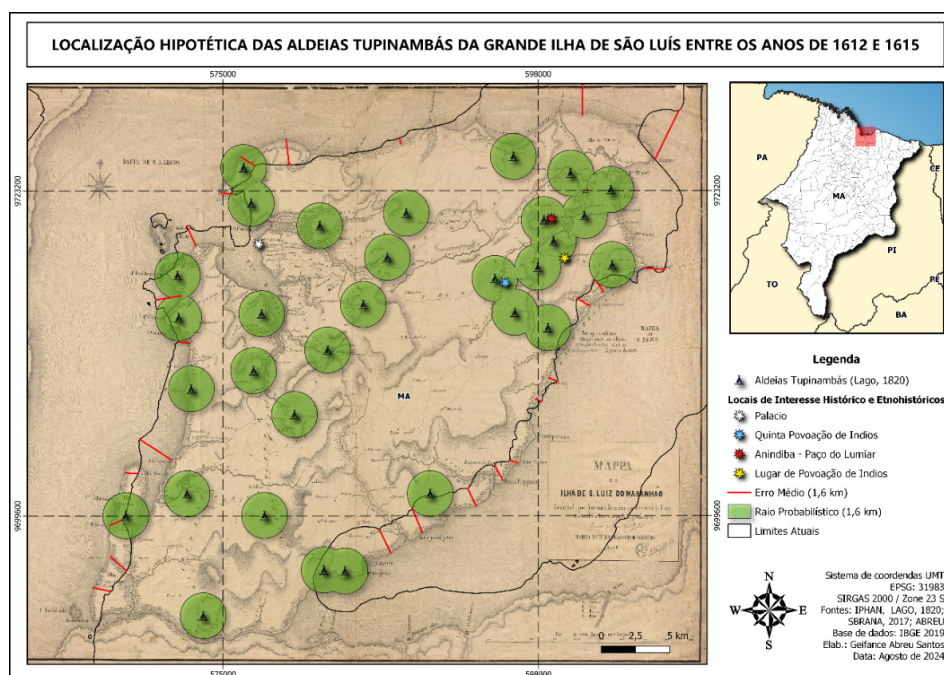


Figure 3: Localização das aldeias Tupinambá da Ilha de São Luís. Fonte: Geifance Santos, 2021.

Em suma, a organização e distribuição desses locais de habitação irão ditar a configuração do registro arqueológico. Entender a dinâmica social ocorrida entre esses povos é fundamental para perceber nuances, quase que imperceptíveis, do ponto de vista arqueológico. Considerar as relações intra e inter-grupal serve para entender mais claramente o processo ocupacional de São Luís, a maneira dialética dessas populações de ver e sentir o mundo material atua diretamente na forma como eles ocupavam seus territórios (SILVA, 2007).

2 Sambaquis de *Upaon-açu*

Os sambaquis têm despertado um grande interesse e se constituem em objeto de discussões sobre seu papel como indicadores do nível médio do mar em uma perspectiva diacrônica (SUGUIO; FLEXOR, 1992). No início do século XX, acreditava-se que esses “montes de conchas” eram apenas formações naturais, refletindo condições ambientais do passado. No entanto, a arqueologia contemporânea demonstrou que se tratam de construções humanas, erigidas por grupos pré-coloniais entre 7000 e 1000 anos AP. Pesquisas recentes indicam que esses povos possuíam uma economia mais complexa do que se imaginava, incorporando a pesca como atividade central (DUDAY, 2006; SILVA, 2005). Os recursos marítimos e costeiros foram essenciais para a fixação e sobrevivência dessas populações, segundo Scheel-Ybert (2003), os sambaquieiros tinham uma economia baseada na coleta de moluscos, complementada por outras coletas, caça e pesca.

A Ilha de São Luís, com sua rica paisagem estuarina, abrigou diversos grupos humanos ao longo do tempo, resultando em um significativo legado arqueológico. A estabilidade climática

do Holoceno Médio favoreceu ecossistemas como os manguezais do Golfão Maranhense, permitindo uma ocupação prolongada. Sambaquis como o do Bacanga e Panaquatira evidenciam a presença de populações pescadoras-coletoras-caçadoras e ceramistas há cerca de 6.600 anos. Estudos de Bandeira (2013) destacam a ocupação contínua até 900 anos antes do presente, confirmando a densa ocupação e reocupação da Ilha ao longo dos milênios (BANDEIRA, 2012; 2013).

3 Sítio Arqueológico Chácara Rosane

Outro sítio arqueológico muito importante para a compreensão da ocupação da Ilha é o sítio Chácara Rosane, identificado em 1979 por Olavo Correia Lima e Odir Correia Lima Aroso, mas somente estudado a partir de 2019, em um trabalho de licenciamento ambiental, o qual continua até os dias atuais (WLAGE, 2021). Os vestígios arqueológicos evidenciados nas escavações realizadas desde 2020 e continuadas até o momento têm sugerido que se trata de várias aldeias, com locais de pousos prolongados, bem definidos e delimitados.

Na região centro-oeste do terreno, possivelmente área habitacional, nota-se a dispersão de fragmentos cerâmicos típicos de povos falantes de línguas Tupi (CORRÊA, 2014). Já nas porções nordeste e centro-leste, onde predominam as manchas de sambaquis¹, observa-se a presença de materiais arqueológicos associados a mais de uma cultura. Encontram-se, majoritariamente, artefatos relacionados à tradição arqueológica conhecida como borda-incisa ou Barrancóide, além de cerâmicas da fase Mina, amplamente observadas desde o Golfão Maranhense até o Salgado Paraense. Nestas porções do sítio, foram evidenciados inúmeros enterramentos humanos, o que nos leva a crer, que este local serviu em algum momento, também, como uma espécie de cemitério, para os grupos que lhe ocuparam. Os enterramentos dispõem-se desde níveis estratigráficos pré-sambaquieiros a pós-sambaquieiros; todos primários, e em boa parte deles contendo enxoval funerário.

A partir dessa área cemiterial uma mancha de sambaqui se estende em direção ao Nordeste e nela foram evidenciados vestígios cerâmicos e muitos ocres vermelhos e amarelos, o que sugere tratar-se de uma zona ritualística, onde os mortos eram preparados para o funeral. Observa-se também que o sítio arqueológico se estendia para os terrenos vizinhos, onde foram construídos dois condomínios a Nordeste e Leste, arruamento ao Norte e Sul e uma avenida a Leste, o que provocou o enclausuramento do sítio Chácara Rosane, que em breve será uma área composta por 14 blocos de edifícios. Os mais de 100 mil fragmentos arqueológicos evidenciados, bem como os diferentes níveis arqueológicos revelados e as datações preliminares sugerem que a recorrência de ocupação e reocupação do espaço, levantada por Bandeira (2013), também ocorreu nessa área da ilha.

¹ Em um raio médio de 20 metros, observa-se a presença de aglomerados de conchas que se destacam como as principais concentrações de materiais arqueológicos identificados no sítio. Estas aglomerações apresentam uma distribuição claramente definida, tanto no plano horizontal quanto no vertical, alcançando em certas áreas uma profundidade de até 2 metros. Ressalta-se de nota que foi precisamente nestes locais que se procederam à identificação dos sepultamentos humanos.

3.1 Indivíduos do Sítio Chácara Rosane

As escavações no sítio Chácara Rosane revelaram 62 sepulturas humanas, encontradas em diferentes camadas sedimentares. Os sepultamentos foram analisados em termos biológicos e culturais, indicando que os indivíduos foram inumados em sepulturas primárias individuais, com o corpo ainda articulado. A diagnose sexual identificou 13 homens, 10 mulheres e 23 indivíduos não determinados devido à preservação óssea. A estatura média variou entre 1,41 m e 1,60 m. Acompanham os sepultamentos artefatos como conchas, cerâmicas, e objetos de adorno, com maior variabilidade entre homens e indivíduos de sexo indeterminado. Indivíduos infantis representam 13% da amostra, destacando-se o mais jovem classificado como "perinatal" (figura 4). As diferenças entre os sexos não são claras, devido ao elevado número de indivíduos de sexo indeterminado (DUDAY, 2006).



Figure 4: Escavação do indivíduo mais jovem do sítio Chácara Rosane. Fonte: Dados da Equipe de Campo (2024).

No transcorrer do ano de 2023, 17 sepultamentos humanos foram meticulosamente expostos ao público adulto no âmbito das atividades de Educação Patrimonial promovidas no sítio Chácara Rosane, objeto central desse artigo. O propósito fundamental dessa intervenção foi propiciar uma exibição profunda e impactante, que ressaltasse a importância ímpar desse patrimônio no seu contexto original, *in situ*. A apresentação desses sepultamentos para uma diversidade de públicos, oriundos de distintos estratos sociais, econômicos e culturais, com visões e sensibilidades heterogêneas, se revelou estratégica para a ampliação da divulgação científica, com o intuito de conferir a esse patrimônio brasileiro a visibilidade e o reconhecimento merecidos, assegurando sua valorização no imaginário coletivo.

Ressalta-se que os sepultamentos encontrados no Sítio Arqueológico Chácara Rosane são vestígios delicados, em vários sentidos, demandando uma abordagem cuidadosa e respeitosa. A

intenção de expor esses remanescentes humanos não foi a espetacularização de suas histórias, mas sim a preservação da memória e a promoção de um entendimento mais profundo sobre a cultura e as práticas funerárias dos grupos que habitaram a região. Cada sepultamento representa não apenas um indivíduo, mas também uma narrativa coletiva que deve ser tratada com dignidade. Assim, as atividades de educação patrimonial realizadas no sítio foram estruturadas para garantir que essa sensibilidade fosse respeitada, evitando qualquer forma de exploração ou desumanização.

Para isso, as visitas guiadas foram acompanhadas por profissionais capacitados que contextualizaram os sepultamentos dentro de um quadro histórico e cultural, enfatizando a relevância dessas práticas para a identidade local. Essa abordagem visa não apenas informar, mas também sensibilizar os visitantes sobre a importância de preservar a memória coletiva e o legado cultural, promovendo um diálogo respeitoso com o passado. Além disso, a exposição dos remanescentes humanos foi acompanhada de um compromisso com a ética e a responsabilidade social, pois, de acordo com Daniel Antoine, todo o processo que envolva remanescentes humanos deve ser ornado de respeito, dignidade e cuidado, tanto durante manipulação, acondicionamento, quanto exposição (Antoine *et al*, 2014; Almeida, 2018). Os organizadores das atividades de educação patrimonial se comprometeram a criar um ambiente de aprendizado que respeitasse a integridade dos sepultamentos.

4 Metodologia e Atividades aplicadas à Educação Patrimonial no sítio Chácara Rosane

Enquanto atividade ligada ao processo de licenciamento ambiental, a Educação Patrimonial (EP) no âmbito arqueologia tem como aparato legal, a Instrução Normativa 01/2015 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que estabelece os procedimentos administrativos a serem adotados durante as atividades referentes ao licenciamento. Apesar de não haver uma explicitação da metodologia a ser aplicada, o documento aponta o público alvo que deve ser atingido com esta atividade, ou seja, as “comunidades impactadas pelos empreendimentos, empregados envolvidos diretamente com o empreendimento, comunidade escolar, inclusive professores das unidades selecionadas e gestores de órgãos públicos localizados na AID.” (IN 01/2015, Art. 45, Inciso I, § 1º).

Em observância ao que estabelece a normativa, às atividades de Educação Patrimonial que ocorreram no Sítio Chácara Rosane – Bambuzal envolveram diretores e funcionários do empreendimento, comunidade escolar, alcançando docentes do Magistério superior, pesquisadores e discentes de Universidades públicas e faculdade privada do Maranhão e de outros estados. Participaram também gestores de órgãos públicos, como o quadro de funcionários do IPHAN. As atividades se desenvolveram em intervenções continuadas, de modo a ampliar o escopo dos grupos que têm contato com a cultura material resgatada no sítio, bem como, buscando diversificar os grupos focais que representam diferentes estratos sociais.

A respeito da diversidade de público alvo da atividade de EP no referido sítio, aportou-se

teoricamente na percepção de Oliveira (2015, p.118) à medida que,

(...) não basta aos arqueólogos produzirem novos conhecimentos científicos e apenas os divulgarem em revistas especializadas. Eles precisam fazer esses saberes alcançarem o maior número possível de pessoas, principalmente aquelas que não frequentam os círculos acadêmicos onde ocorrem os mais variados debates sobre os temas de interesse à Arqueologia. Dessa forma, o conhecimento que produzem sobre o passado, e também, acerca do presente, poderá ser gradativamente incorporado à memória coletiva da sociedade de que fazem parte ou, até mesmo, daquelas que foram por eles estudadas.

Para que se consolide como parte da memória coletiva da sociedade tal qual o autor supracitado aponta, torna-se necessário que a variabilidade dos grupos assuma a maior dimensão possível, para tanto, as atividades de EP contaram com um público heterogêneo em que houve o contato desde grupos de funcionários da MRV (11/09/2023); a equipe da administração, engenharia, equipe de RH e terceirizados participantes da obra (12/09/2023); Gestores da MRV (13/09/2023); Estudantes e professores de Arquitetura - Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB) (13/09/2023); Estudantes e professores de História – Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (13/09/2023); Funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) juntamente a estudantes da Universidade de Passo Fundo (UPF) (31/01/2024); Estudantes e docentes de Oceanografia (UFMA) (19/03/2024); Estudantes do ensino fundamental II - Grupo Educacional COC/São Luís (10/04/2024).

A predominância de jovens e adultos acima dos 18 anos nas atividades de EP, se justifica à medida que elas ocorreram no contexto *intra-sítio*, desta forma, sob recomendação da segurança do trabalho da obra, optou-se por uma menor inserção de crianças e adolescentes em contexto da construção civil como forma de precaução à possíveis acidentes. Sob esta mesma recomendação, foram distribuídos a todos os grupos que participaram das atividades de EP equipamentos de proteção individual (EPI) e recomendações sobre os “caminhos seguros” que poderiam ser explorados.

Quanto a dispersão temporal das visitas, houve durante o período de 11 a 13 de setembro de 2023, atividades de EP sistematicamente desenvolvidas com os diferentes grupos que compõem o contexto da obra, no qual a porção centro-leste do sítio se situa, estabelecendo diálogos com áreas do conhecimento que têm interação direta com as atividades arqueológicas. Nesse sentido, durante o processo das atividades, percebeu-se que seria necessária a adaptação da linguagem para cada diferente grupo que compunha as visitas ao sítio, esta adaptação seguiu em conformidade com Canclini (1994, p. 96), quando este autor aponta que,

Esta variada capacidade de relacionamento com o patrimônio se origina, primeiro, da participação desigual dos grupos sociais em sua formação. Mesmo nos países em que a legislação e os discursos oficiais adotam a noção antropológica de cultura, que confere le-

gitimidade a todas as formas de organizar e simbolizar a vida social existe uma hierarquia dos capitais culturais: vale mais a arte do que os artesanatos, a medicina científica que a popular, a cultura escrita que a oral.

No que refere as diferentes formas de se relacionar com o patrimônio cultural, especificamente o arqueológico, o cenário social da obra apresenta singularidades que foram observadas no processo de produção da atividade: **a)** para equipe que trabalha no planejamento e execução da construção civil (engenheiros, administradores, arquitetos, gestores, entre outros) existe um desconhecimento sobre as atividades que compõem a arqueologia, mesmo em cenários de licenciamento ambiental, uma possível causa desse desconhecimento pode estar atrelada ao processo de formação universitária destes, em que o contato com as noções de patrimônio arqueológico não integram as ementas curriculares; **b)** para as equipes de terceirizados e contratados da obra, principalmente aqueles de trabalho braçal, o desconhecimento sobre arqueologia não difere, e ainda há um agravante: eles possuem uma maior carga horária braçal, essa intensidade do trabalho e falta de tempo pode estar entre os fatores que reduzem as chances de visitar locais que preservam materiais arqueológicos, como museus e centros de pesquisas.

Ao observar de maneira panorâmica, é possível perceber a ausência do conhecimento arqueológico enquanto uma problemática sistemática da sociedade ludovicense. Para além das condições de classe sobre o patrimônio que Canclini (1994) aponta, existe o agravante da ausência de um curso de Arqueologia no estado do Maranhão, bem como, dos conteúdos provenientes desta ciência em espaços e materiais educacionais, seja de ensino básico ou na formação superior, até em cursos que tangenciam o trabalho arqueológico no licenciamento ambiental (como a Engenharia, Arquitetura, entre outros). A consequência estrutural pode ser observada na fraca identificação com o patrimônio, resultando em uma falta de reconhecimento do acervo arqueológico como parte da formação histórica da Ilha. Isso impacta a autocompreensão dos indivíduos, que não se veem como integrantes da construção e do legado desse patrimônio.

Diante disso, percebeu-se que seria necessário desenvolver noções e conceitos básicos de Arqueologia para contribuir no formato de contextualização das atividades que ocorrem durante o processo de licenciamento ambiental. Para tanto, foram confeccionados *banners* e *folders* que contemplaram questões norteadoras do trabalho arqueológico, dentre elas cabe ressaltar o conceito de Arqueologia, os diferentes tipos de materiais que a ciência estuda/resgata e as etapas de atividades que ela contempla.

As luzes do que aponta Canclini (1994) com relação às diferentes formas de apropriação do patrimônio cultural, houve uma adaptação da linguagem que seria utilizada nos *banners* em busca de englobar os diferentes sujeitos de forma a desenvolver com estes uma maior noção de identificação e pertencimento com o patrimônio cultural, especialmente no âmbito da Arqueologia maranhense.

Para além disso, houve a montagem do espaço de visita ao sítio, que ocorreu de acordo com as indicações de segurança, mantendo os visitantes em uma distância segura aos remanes-

centes humanos que estavam *in situ* afim de não comprometer a integridade do contexto e das informações arqueológicas. Da mesma forma foram construídas sinalizações, um “caminho seguro” a ser seguido pelos visitantes, tendo em vista a ampliação das possibilidades de apresentação da diversidade do patrimônio arqueológico proveniente do sítio, foi montada uma bancada de exposição de materiais e ferramentas que são utilizadas no trabalho arqueológico. As atividades de educação patrimonial realizadas pela equipe de campo e Coordenação Geral do estudo, contou na fase inicial com a colaboração do pesquisador e historiador Flávio Matos, vinculado a Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



Figure 5: Processo de montagem do espaço de visitação. Fonte: Dados da Equipe de Campo e Flávio Matos (2023)

Essa forma de construção do espaço de visitação buscou uma aproximação à noção de museu a céu aberto, à medida em que se desenvolveram estratégias de utilização do espaço original do sítio para a fomentação do conhecimento sobre os grupos que formaram e o habitaram, suas singularidades culturais e as relações de continuidade e descontinuidade com a sociedade cotidiana. Nesse sentido, ao promover essa aproximação, Fernandes e Bandeira (2014) argumentam que o patrimônio arqueológico é compreendido como uma herança passível de ser apropriada pelas comunidades em contato com ele. Assim, esses indivíduos se tornam protagonistas na valorização e preservação desse patrimônio, esses sujeitos tornam-se a partir disso “agentes que viabilizam a preservação patrimonial, despertam noções de pertencimento, identidade e autoes-

tima nas sociedades onde encontram suas raízes e fertilizam a dinâmica cultural” (BRUNO 1995, p. 225).

Com relação às visitas assistemáticas que ocorreram especificamente nos dias 19/03/2024 e 10/04/2024, foram desenvolvidas atividades que seguiram a metodologia supracitada no tocante a apresentação de conceitos e noções básicas da Arqueologia, à cultura material dos povos que habitavam o sítio e adaptação de linguagem para cada público alvo. Por conta do avanço das intervenções em superfície e subsuperfície, as visitas destes grupos foram guiadas à porção nordeste do sítio, bem como, foram encaminhados ao laboratório de curadoria da equipe de campo.

5 Resultados das Atividades de Educação Patrimonial

As atividades de EP ocorreram no período de 11 a 13 de setembro de 2023, e seguiu um percurso lógico de apresentação do sítio arqueológico, primeiramente para os agentes que compõem o contexto da construção civil em que o sítio se situa, desta forma, os primeiros grupos a participarem foram os contratados e terceirizados vinculados à MRV.



Figure 6: Atividades com contratados e terceirizados vinculados à MRV. Fonte: Equipe de Campo (2023)

Esses grupos foram seguidos pelos agentes envolvidos com o planejamento e execução da obra, dentre eles estão as equipes de engenharia, administração, recursos humanos e gestão.



Figure 7: Atividade de EP com gestores, administradores e equipe de planejamento. Fonte: Equipe de Campo (2023)

Na sequência houve visitas de grupos externos ao contexto da obra, formado por estudantes de diferentes áreas do conhecimento e titularidades. Isto inclui, pesquisadores como o arqueólogo e Diretor do Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPH-NAMA) professor Deusdedit Carneiro Filho e a Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-MA) e professora Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB) Lena Carolina Brandão, dentre outros.



Figure 8: Atividade de EP com estudantes e professores do curso de Arquitetura (UNDB). Fonte: Equipe de Campo (2023)



Figure 9: Atividade de EP com estudantes e professores do curso de História (UFMA). Fonte: Equipe de Campo (2023)

VIANA, Fernanda Lopes; MOURA, Gustavo Teixeira; SANTOS, Geifance Abreu; LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues; MORAES, Lúcio Adriano Teixeira; ARAÚJO, Matheus Oliveira; BANDEIRA, Arkley Marques; LAGE, Wellington; MENESES LAGE, Maria Conceição Soares. Sítio Arqueológico Chácara Rosane e as práticas de Educação Patrimonial, em São Luís, Maranhão.

Outras visitas que ocorreram de forma assistemática, foram realizadas na porção nordeste do sítio com duas turmas de estudantes do 6º ano do Centro de Orientação e Capacitação (COC) e uma turma de graduação em Oceanografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com a participação e colaboração do professor Arkley Marques Bandeira, pesquisador da Universidade.



Figure 10: Atividade de EP com estudantes e professores do curso oceanografia (UFMA). Fonte: Equipe de Campo (2024)



Figure 11: Atividade de EP com estudantes e professores do 6º ano da escola (COC). Fonte: Equipe de Campo (2024)

Em 2024, ocorreram as visitas do quadro de funcionários do IPHAN, bem como discentes do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural (IPHAN) e discentes da Universidade de Passo Fundo (UPF) do Rio Grande do Sul.



Figure 12: Atividade de EP com estudantes e profissionais do IPHAN. Fonte: Equipe de Campo e IPHAN (2024)

A partir desse cenário foi possível apresentar aos visitantes aspectos da ocupação de São Luís, a formação de sítios arqueológicos, continuidades e discontinuidades que marcam a formação cultural da Ilha, dentre outros. Os tópicos abordados durante as atividades de EP visavam desenvolver e consolidar uma percepção de história de longa duração para os participantes, objetivando o fomento da preservação a partir da identificação com o patrimônio arqueológico local. Destaca-se que, para cada grupo recebido no sítio, foi utilizada uma linguagem específica, tendo em vista a diversidade etária, que variava entre 12 e 65 anos. Para os públicos mais jovens, como crianças e adolescentes, adotou-se uma linguagem mais simples, visual e analógica. Em contrapartida, para os grupos de maior idade, empregou-se uma abordagem multimodal, incorporando interatividade, exposições físicas (banners, artefatos) e a observação dos sepultamentos *in situ*.

Ressaltamos ainda, que anteriormente a essa etapa, em 2020, no contexto da pandemia de COVID-19 e das restrições impostas pelo distanciamento social, a educação patrimonial enfrentou desafios significativos, demandando a adoção de estratégias alternativas. Dentre essas, destacou-se a produção de um documentário, desenvolvido com a colaboração de diferentes grupos sociais, incluindo a família residente no sítio (caseiros), trabalhadores auxiliares e pesquisadores. As atividades relacionadas à produção do material foram conduzidas em conformidade

com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), considerando que, no período de julho a agosto de 2020, a pandemia apresentava indícios de maior controle. Contudo, as visitas presenciais ao sítio permaneceram restritas, sendo vedadas à comunidade externa devido às limitações sanitárias vigentes.

O documentário, disponibilizado na plataforma YouTube, alcançou mais de 2.700 visualizações, consolidando-se como um instrumento relevante para a ampliação do acesso e a diversificação do público envolvido nas ações de EP. Essa estratégia demonstrou que as tecnologias aplicadas direta e indiretamente a Arqueologia podem ser uma alternativa inovadora, servindo como modelo de futuros estudos e exemplo de abordagem híbrida bem-sucedida.



Figure 13: Documentário produzido durante o período pandêmico. Fonte: WLage Consultoria Científica Ltda, 2021. <https://youtu.be/rll5Kcg3HqI?si=TIpXWrZ2fePaPO>

Deve-se mencionar também, que em janeiro de 2024, foram divulgados na grande mídia, em âmbito nacional e internacional, dados preliminares referentes aos achados no sítio arqueológico. Essa iniciativa contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre a Chácara Rosane e as ocupações mais antigas da Ilha de São Luís, fortalecendo o processo de disseminação científica e consolidando as ações de educação patrimonial como plataforma essencial para a valorização e preservação do patrimônio arqueológico, histórico e cultural.

Considerações Finais

A ocupação da Grande Ilha de São Luís (Upaon-Açu) remonta a milênios, evidenciada por sítios arqueológicos que atestam a presença humana antes da invasão dos europeus. O Sambaqui Chácara Rosane, com datações de até 10.000 anos AP, é o mais antigo, seguido pelo Sambaqui do Bacanga (6.600 AP) e o Sambaqui da Panaquatira (4.630 AP), esses sítios indicam uma ocupação

prolongada, onde grupos humanos exploravam recursos costeiros e desenvolviam práticas funerárias e ritualísticas complexas, sugerindo uma organização social sofisticada. Além disso, a Ilha abriga sítios relacionados aos grupos indígenas que habitavam a costa maranhense.

As fronteiras territoriais destes grupos eram fluídas, resultando em maneiras diversas de ocupar e reocupar o espaço geográfico. Dessa forma, ao ponto que se considera toda essa gama de relações, sejam elas amistosas ou conflituosas, comercial e/ou de parentesco, observa-se que tanto o espaço, como toda ferramentaria da vida cotidiana dessas pessoas, estava imbricado em uma rede estrutural de relações sociais (LEMONNIER, 1986; GEERTZ, 1989; SILVA, 2000).

A preservação e a persistência das investigações arqueológicas em São Luís configuram-se como elementos imprescindíveis para o aprofundamento do entendimento acerca da história de longa duração da ocupação humana na região. Os sítios arqueológicos até agora identificados não apenas enriquecem a compreensão do passado pré-colonial e colonial, mas também ressaltam a importância central da Ilha no cenário arqueológico das primeiras povoações das Américas. A sistematização rigorosa dos dados arqueológicos, bem como a integração dessas informações em bancos de dados extensivos e de fácil acesso, são passos fundamentais para a salvaguarda desse patrimônio, além de fornecerem os subsídios necessários à realização de novas pesquisas que possam desvendar os mistérios do solo da Grande Ilha de São Luís.

Diante do vasto patrimônio existente e do potencial para pesquisas futuras em São Luís, as atividades de educação patrimonial se destacam como instrumentos essenciais para a disseminação do conhecimento e a formação de indivíduos. Essas atividades não apenas sensibilizam o público para a importância da preservação do patrimônio, mas também funcionam como canais por meio dos quais esse patrimônio se torna mais visível e reconhecido pela sociedade.

No que se refere à socialização deste patrimônio por meio da educação patrimonial, é importante destacar que o conhecimento arqueológico na Ilha ainda é muito incipiente. Essa situação decorre de uma variedade de fatores, incluindo a ausência de um curso superior de Arqueologia e a falta de inserção dos conteúdos relacionados nos currículos da educação formal. Essas lacunas impactam diretamente o conhecimento e a memória coletiva sobre a ocupação humana longo do tempo.

Nesse contexto, as atividades realizadas no Sítio Arqueológico Chácara Rosane adotaram uma abordagem multifocal, abrangendo diferentes grupos de participantes. Essa estratégia possibilitou uma maior disseminação do conhecimento entre diversos segmentos sociais, ao mesmo tempo em que fortaleceu as noções de preservação, identificação e continuidade cultural.

Assim, o caráter sistemático e contínuo das atividades EP realizadas no sítio, por meio de diversas formas de alcance ao público, como visitas guiadas, entrevistas e reportagens, representa um esforço significativo para o fortalecimento do campo arqueológico no contexto ludovicense. A ampliação da divulgação deste sítio ressalta a necessidade urgente de desenvolver meios curriculares e institucionais que promovam a socialização do conhecimento arqueológico.

Referências Bibliográficas

- ALBERNAZ, João Teixeira. [Atlas manuscrito colorido] Descrição de todo o marítimo da Terra de S. Crvs, chamado vulgarmente, o Brazil, 1640. Lisboa, Portugal: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, inv. nº CF 162, fl. 4, [Cota: Coleção Cartográfica, nº 162. TT-CRT-162]. [S.l.]. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/maranhao/albernaz.htm>. Acesso: 23 de Dez. 2024.
- ALMEIDA, Thaís Vaz Sampaio de. A respeito dos mortos: remanescentes humanos do MAX e suas implicações éticas. 2018. Dissertação (Mestrado) – PROArq, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- ANTOINE, Daniel. Curating human remains in museum collection : 3 broader considerations and a British Museum perspective. 2014. In : FLETCHER, Alexandra; ANTOINE, Daniel; HILL, J. D. (Ed). Regarding the dead: human remains in the British Museum. Flow Foundation : London, 2014.
- BANDEIRA, Arkley Marques. Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. 2013. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CORRÊA, Ângelo Alves. Pindorama de mboia e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo: 462 f, 2014.
- D'ABBEVILLE, Claude. História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças. São Paulo: Siciliano, 2002.
- DUARTE, Rafael. Metodologia de análise da qualidade de mapeamentos antigos. Estudo de caso: a cartografia produzida no estado de São Paulo na década de 1960. Dissertação (Mestrado) – Escola Politécnica de São Paulo. Departamento de Engenharia de Transportes – São Paulo, 2020. 234 p.
- FERNANDES, Florestan. A organização social dos Tupinambá. São Paulo: Editora Hucitec - UnB, 1989.
- FERNANDES, Florestan. A organização social dos Tupinambá. São Paulo: 2ª Edição Revista e Ampliada, Difusão Européia do Livro – São Paulo, novembro de 1963.
- GEERTZ, C. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. LTC, 1989.
- LEMONNIER, P. The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, 5:147-186. 1986.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Museu Nacional, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1944.
- SBRANA, Darlan Rodrigo. A galha da figueira branca e o carvalho: alvorecer do Maranhão colonial a partir das representações a respeito dos chefes tupinambás (1603-1619). (Diss. Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social – Mestrado da Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2017.
- SILVA, F. A, As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da

- cestaria dos Kayapo-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000.
- WLAGE, Arqueologia. Relatório Parcial do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico na Área do Empreendimento Bambuzal – Sítio Chácara Rosane – Processo Iphan-MA nº. 01494.000180/2019-04. Coordenador: Wellington Lage. São Luís, agosto de 2021. Disponível em: <https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?il3O-tHvPaRiTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0laDkkEyJpus7kCPb435VNEAb16AAxmJKUdr-sNWVlqQ4OSrQpwiPa-seZGUXaFMgnWJ3lmg9UjpoL8o51mLRJH> 2021. Acesso: 04 de Jan. 2025.
- BOTELLA, Miguel C.; ALEMÁN, Inmaculada; JIMÉNEZ, Sylvia A. Los huesos humanos: manipulación y alteraciones. Bellaterra, 2000.
- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. Standards for data collections from human skeletal remains. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report, n. 44, 1994.
- CARVALHO, O. A. Contribution a l'archéologie bresilienne: Etude paléoanthropologique de quelques nécropoles de la région Nord-est du Brésil. Doctorat Ès Sciences Mention Anthropologie, 2006.
- DUDAY, Henri. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeothanatology or the archaeology of death). Social archaeology of funerary remains, v. 52, p. 30-56, 2006.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. In: Journal of human evolution, 9, pp.: 517- 549, 1980.
- SCHEEL-YBERT, Rita et al. Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. Revista de Arqueologia, v. 16, n. 1, p. 109-137, 2003.
- BANDEIRA, Arkley Marques. Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luis-MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica, 2012.
- BANDEIRA, Iris Celeste Nascimento. Geodiversidade do estado do Maranhão, 2013.
- SCHEEL-YBERT, Rita et al. Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. Revista de Arqueologia, v. 16, n. 1, p. 109-137, 2003.
- SUGUIO, Kenitiro; MARTIN, Louis; FLEXOR, Jean-Marie. Paleoshorelines and the sambaquis of Brazil. In: JOHNSON, Lucille Lewis; STRIGHT, Melanie (Ed.). Paleoshorelines and Prehistory: an investigation of method. Boca Raton: CRC Press. p. 83-99, 1992.
- BRUNO, Maria Cristina oliveira. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. Tese (Doutorado). São Paulo: MAE/USP. 1995.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Brasília, n. 23, p. 95-115, 1994.
- FERNANDES, Rosane Patrícia; BANDEIRA, Dione da Rocha. Potencialidades da musealização de sítios arqueológicos: caso da APA de Guaratuba-PR. Revista Museologia e Patrimônio, Unirio-MAST, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 77-94, 2014.
- OLIVEIRA, J. E. Por uma Arqueologia socialmente engajada: Arqueologia Pública, Universidade Pública e Cidadania. In: FUNARI, P. P. A.; ORSER JR. C. E.; SCHIAVETTO, S. N. O. Identidades,

discurso e poder: Estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume, 2005. Cap. VIII, p. 117-134.

Recebido em: 16/05/2025
Aprovado em: 16/05/2025
Publicado em: 19/12/2025